

Prefácio

Estamos atravessando a primeira década do século XXI, e parece ser justamente nesta época que a musicologia latino-americana começa a dirigir seus olhares para o período romântico de nosso continente, fase tão criticada pelos movimentos musicais e culturais do século XX. Qualificado como movimento decadente, pouco autêntico, dependente das modas européias, *exotista* em relação ao seu próprio entorno, já que manifestou uma visão idealizada do folclore e da cultura popular, o romantismo foi julgado com a mesma severidade com que foi condenada a música do período colonial depois dos movimentos de independência que eclodiram no primeiro terço do século XIX. Assim, um véu de esquecimento e indiferença recaiu sobre os músicos românticos, salvo sobre aqueles que tiveram o “bom senso” de abrir os caminhos do nacionalismo. Mesmo assim, se não estiveram vinculados às esferas do poder político, sua marginalização da história cultural da América Latina foi quase certa.

O presente volume da série Patrimônio Arquivístico-Musical Mineiro está dedicado à obra de um desses músicos desvinculados do círculo de poder, que somente agora tem a vez de transitar pelas veredas da história da música – de nossa história da música ou da história de nossa música. Refiro-me a Francisco Valle (1869-1906), o músico de Juiz de Fora cuja efêmera vida transcorreu entre o último terço do século XIX e os primeiros anos do século XX. Atuou no mesmo período que Alberto Williams (Argentina, 1862-1952), Felipe Villanueva (México, 1862-1893), Remigio Acevedo Guajardo (Chile, 1863-1911), Ricardo Castro (México, 1864-1907), Alexandre Levy (Brasil, 1864-1892), Alberto

Nepomuceno (Brasil, 1864-1920), Eliodoro Ortiz de Zárate (Chile, 1865-1952), Julián Aguirre (Argentina, 1868-1924), Francisco Braga (Brasil, 1868-1945), Simeón Roncal (Bolívia, 1870-1953) e Luis Duncker Lavalle (Perú, 1870-1953), apenas para citar os mais próximos a ele, do ponto de vista cronológico, nas buscas estéticas, na aplicação de recursos técnicos e na construção de uma obra que podemos denominar precursora do nacionalismo musical latino-americano.

Valle conviveu em Paris com Levy e Braga, na mesma época em que se radicaram na Cidade-Luz Ricardo Castro, a pianista e compositora venezuelana Teresa Carreño (1853-1917), Alberto Williams, que estudou composição com os mesmos professores que Valle (Charles Bériot e César Franck), e o célebre violonista cubano José White (1836-1918). Possivelmente teria desenvolvido uma brilhante carreira, se as dificuldades econômicas, as de sempre, que perseguiram sem piedade os artistas do romantismo, não lhe tivessem obrigado ao infecundo retorno. Não pôde ser em sua terra o profeta que todos anseiam ser. Para sobreviver, teve que dar lições de piano a gente que não faria carreira como pianista, tocar música que não era sua música, dedicar seu tempo ao tempo de outros, desentendidos de sua ânsia criadora. Como Schumann, como Hugo Wolf, viveu com os nervos à flor da pele, com a angústia comendo-lhe os dias, com a morte chamando-lhe a seu seio, sem poder consolidar sua obra. Seu corpo acabou no Rio Paraibuna, em um dia de 1906, iniciando-se ali um longo esquecimento, de um século inteiro, que só agora parece interromper-se, com a primeira iniciativa de edição de suas obras orquestrais, na

série Patrimônio Arquivístico-Musical Mineiro, coordenada por Paulo Castagna.

Na verdade, nossa musicologia, disciplina jovem em um continente igualmente jovem, foi parca em sua atenção aos músicos românticos da América Latina. E não somente deixou de lhes dar um espaço justo nas páginas de nossas histórias da música, como tampouco contribuiu à difusão de sua obra e à sua equilibrada apreciação. Dos contemporâneos de Valle, somente o panorama que Carmen García Muñoz traçou acerca de Julián Aguerre, a aproximação de J. O. Pickenhain à figura de Alberto Williams e o trabalho de Consuelo Carredano sobre Felipe Villanueva são estudos monográficos sérios que se dedicaram à vida e à obra desses compositores. De Acevedo Guajardo, Ortiz de Zárate e Roncal existem apenas informações soltas aqui e acolá. De Duncker Lavalle não há sequer um verbete adequado em dicionário, enquanto no centenário da morte de Ricardo Castro (falecido a 28 de setembro de 1907) não sabemos mais do que já se sabia há um século.

O presente projeto, dedicado à edição da música de Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX, é relevante por várias razões: porque transcende o que até agora se conhecia da música nessa região (incluindo as já históricas investigações de Francisco Curt Lange); porque se ocupa da obra de compositores menos conhecidos (dos autores contemplados nos três primeiros volumes – José

Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, Jerônimo de Sousa e Francisco Valle – somente o primeiro obteve certa projeção internacional); porque pertence a um tipo de projeto holístico que considera como tarefas concatenadas e complementares a catalogação do material e o estudo minucioso das fontes, bem como a investigação necessária do meio em que floresceu o compositor (o contexto) e a análise musical de sua obra; porque estuda essa música de uma forma que integra materiais dispersos em diversos arquivos; porque desse estudo resulta uma edição filológica das partituras que, sem dúvida, será uma enorme contribuição não somente para a difusão da obra dos compositores editados, mas também para a definição das perspectivas metodológicas deste tipo de trabalho em novos projetos, dentro e fora do Brasil; e porque proporciona uma aproximação direta à música (eis aqui um discurso puramente musicológico) que contribuirá para sua interpretação e apreciação.

Sinto-me muito honrado em apresentar este trabalho, que se reveste de uma cientificidade mais plena perante outros mais convencionais, munido de um espírito compreensivo do passado, tolerante e ecumênico, que abre caminhos e perspectivas aos musicólogos latino-americanos para abordar o estudo de nossas fontes, de nossos compositores e de nossa música, ou melhor, de todas as nossas fontes, de todos os nossos compositores e de toda a nossa música.

Aurelio Tello
CENIDIM (México)